



O ENSINO DE MORFOLOGIA E A PRÁTICA POR MEIO DO PBL: um exemplo prático

Jéssica Fernandes Ferreira Kujavo
Graduanda em Letras Português-Espanhol - Uni-FACEF
jessicafernandes2013@gmail.com

Mariana Martins de Alvarenga
Graduanda em Letras Português-Espanhol - Uni-FACEF
marianamartinsm@yahoo.com

Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – Uni-FACEF
anafurquim@yahoo.com

Resumo

A gramática é um tópico de discussão recorrente por se tratar uma área da linguagem—sobre o conhecimento da língua, em especial, a materna, seu uso e sua estrutura. Aliada à prática docente, o ensino de gramática nas escolas e o engajamento dos alunos diante do processo ensino-aprendizagem dos conteúdos de análise linguística são campos que necessitam de atenção. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é analisar a proposta de trabalho no eixo “gramática”, em específico, os estudos morfológicos, no livro didático “Veredas da Palavra”, das autoras Roberta Hernandez Alves e Vima Lia Martin, do 2º ano do ensino médio, com foco no capítulo sete sobre a classe de palavras “numerais” e, como um dos objetivos específicos, propor atividades baseadas em metodologias ativas. Para tanto, o referencial teórico-metodológico fundamenta-se nos estudos de Perini (2010), Possenti (1996), Travaglia (2003) e Neves (2002), assim como na análise do livro didático proposta pelo PNLD (2020) e em sua prática a partir das reflexões de Andrade e Nunes (2017), Bunzen (2005) e Costa e Suassuna (2010). Sobre as metodologias ativas, pauta-se em Bastos (2006) e Huizinga (1996). Inicialmente, discute-se o conceito de gramática e seu ensino presente nas aulas de Língua Portuguesa, além de revelar suas nuances na teoria e sua aplicação na vida cotidiana. Posteriormente, para análise do ensino de gramática, foi realizada uma investigação sobre o conteúdo das classes de palavras, em específico, os numerais, como elemento de complementação e observação da necessidade de uma prática escolar mais efetiva que, por sua vez, traz à tona a discussão das metodologias ativas como possibilidade para o protagonismo do aluno e sua inserção no caminho da pesquisa. A junção de todos esses fatores de análise pode proporcionar uma prática concreta, que visa à aplicação de uma atividade sobre morfologia, visando ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Morfologia. Metodologias ativas. Numerais. Práticas docentes.

Submissão: 25/10/2021. **Aprovação:** 03/11/2021.

1 Introdução

O conceito de gramática e seu ensino inserido nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas são temáticas presentes em muitas discussões e debates conforme a preocupação que se tem diante do molde tradicional de aprendizagem. Esse ensino volta-se para a visão normativa da gramática, seguindo uma análise dos termos gramaticais, classificações e apego à nomenclatura, porém o resultado dessa prática revela um ensino descontextualizado, distante dos usos linguísticos.

Diante da perspectiva do ensino de gramática, na teoria e na prática, o tema pode ser analisado também por meio da reflexão dos materiais que o professor utiliza para ministrar as aulas de análise linguística, sendo constituídos por livros didáticos e apostilas de atividades tradicionais. Essa utilização, no contexto, deve ser vista pelo professor como um ponto de apoio e complemento, que se encaixa na tradição da escola, e não como a única fonte de informação do docente, atuando como elemento essencial para as aulas.

A busca por um trabalho mais efetivo no ensino de gramática por meio de uma revisão das práticas docentes abre portas para a adoção das metodologias ativas que, em uma análise mais profunda, pode adotar diferentes perspectivas na sala de aula, a principal delas seria a colocação do problema, reafirmando a autonomia do estudante.

As práticas docentes, mesmo em um contexto de não adoção das metodologias ativas, já refletiam a necessidade de um posicionamento central do professor no processo de ensino-aprendizagem, com aplicação de estratégias complementares e de suporte, como os recursos tecnológicos e o já utilizado livro didático.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar a proposta de trabalho no eixo “gramática”, em específico, os estudos morfológicos, no livro didático “Veredas da Palavra” das autoras Roberta Hernandez Alves e Vima Lia Martin do 2º ano do ensino médio com foco no capítulo sete sobre a classe de palavras “numerais”. Como objetivos específicos, busca-se fazer uma revisão da literatura acerca do tema da gramática, práticas escolares e metodologias ativas, bem como o tópico do livro didático, seu uso e referências. Por fim, pretende-se propor, com base nos resultados, uma prática por meio das metodologias ativas, em que se valoriza o posicionamento do professor e o protagonismo do estudante desde o despertar do interesse até a busca por conhecimento.

Para tanto, o referencial teórico-metodológico fundamenta-se nos estudos de Perini (2010), Possenti (1996), Travaglia (2003) e Neves (2002), assim como na análise do livro didático proposta pelo PNLD (2020) e em sua prática a partir das reflexões de Andrade e Nunes (2017), Bunzen (2005) e Costa e Suassuna (2010). Sobre as metodologias ativas, pauta-se em Bastos (2006) e Huizinga (1996).

A proposta de análise do livro didático possibilita uma maior compreensão do contexto de aprendizagem da língua portuguesa e da gramática, da necessidade do trabalho do professor como parte essencial na construção do conhecimento e da perspectiva das metodologias ditas emergentes e um exemplo prático de como esta pode se apresentar, ser usada e promover um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e completo¹.

¹ Este trabalho é uma proposta de aprofundamento da Prática como Componente Curricular (PCC) da disciplina de Morfologia do curso de Letras do Uni-FACEF, realizado em 2020 sob orientação da professora Dra. Luiza Bedê Barbosa intitulada “Morfologia no livro didático: uma ferramenta dentro da

1 Gramática: conceito e suas possibilidades

A concepção de língua pode ser estruturada em dois pontos principais: saber falar e saber uma gramática. A partir do segundo ponto, derivamos diversas perspectivas de análise tanto das possibilidades de gramática, seus objetos de estudo específicos dentro da língua, sua aplicação prática cotidiana e suas funções no processo de ensino-aprendizagem, bem como vantagens, desvantagens, reflexões e críticas.

O “saber uma língua” não pode ser descrito como saber a gramática, suas regras e aplicações no modelo padrão, embora o conhecimento de gramática se faça presente em todas as línguas quase que de forma inerente, natural e articulada constantemente em seu uso. A língua, dessa forma, não se resume a normatizações, pois se enquadra também como corpo vivo, mutável e que possui em suas características essenciais as variações linguísticas, “a língua é eminentemente mutável no tempo e o seu movimento ou mudança tem o caráter de uma evolução, isto é, um processo dinâmico, gradual e coerente” (CÂMARA JR apud GONÇALVES, 2013, p. 107).

A língua portuguesa, materna no Brasil, padrão na gramática e variável no uso, recebe uma importância fundamental no ensino, assim como outras línguas vão receber em seus contextos de uso. Como descrito por Perini (2010), ela é a base para a aprendizagem das outras esferas das atividades humanas, é o instrumento que se tem para participação comunitária, para domínio da comunicação, para desenvolvimento do raciocínio e da liberdade do pensamento, para reconhecimento nacional e de identidade e para a inserção política, social e cultural.

O movimento de conhecer a língua, seu uso e sua estrutura levam ao estudo da gramática, articuladora de elementos que marcam a aplicação daquela na sociedade, e que auxiliam em todos os aspectos, na marcação de sua importância como um todo. Dessa forma, pode-se dizer que um bom conhecimento de gramática “padrão” está diretamente relacionado com a articulação de ideias, relacionamentos interpessoais, posicionamento político, social e cultural, dentre outros. Perini (2010) defende o ensino de gramática em três tópicos de importância no trabalho escolar: a aplicação imediata nas derivações e afixos; o componente cultural nas orientações científicas, nas esferas humanas e na noção de identidade; e o componente intelectual no desenvolvimento cognitivo, na libertação do pensamento, nas possibilidades de reflexão e na praticidade de coleta e verificação de fenômenos.

A gramática, geralmente, está associada ao conceito normativo, de padrão e de trabalho com a variante escrita e oral de estrutura “fixa” e normatizada na ideia de regulamentação. Os estudos de Perini (2010) registram uma nova

sala de aula”. A prática visa a um maior contato dos estudantes de licenciatura com a realidade da sala de aula por meio de materiais e propostas didáticas de aplicação mais concreta, como forma de proporcionar um trabalho orientado para reflexão dos materiais, metodologias e práticas docentes.

perspectiva quanto ao conceito de padronização e ao posto, geralmente, pelas gramáticas normativas, pois essa linguagem é marcada como essencial para o estudo das demais, uma base para fundamentação e comparação, mas que sofre desde a escolha dos exemplos literários, distantes do uso real da língua, até a aplicação indiscriminada e autoritária em sala de aula.

O exemplo mais comum de gramática recebe diversas críticas e é a partir daí que surge um novo olhar para os *corpus* da linguagem. Possenti (1996), ao definir a gramática como “um conjunto de regras” propõe a análise por três frentes: as “que devem ser seguidas”; as “que são seguidas” e as “que o falante da língua domina”. A noção de regra recebe duas definições centrais, a primeira voltada para a ideia de obrigação, noção de lei, regra a qual se obedece sob penalidade e a segunda traz a ideia de regularidade e constância, noção de “lei da natureza”. Essas duas definições formam duas perspectivas diferentes quanto à noção de gramática, o que vai ser observado também nos diferentes tipos que essa pode se apresentar, como por exemplo as normativas, descritivas e internalizadas.

A primeira, conhecida por sua difusão escolar e por sua utilização padrão na escrita, encaixa-se na definição de Possenti como “conjunto de regras que devem ser seguidas”, presente nas gramáticas comuns e nos livros didáticos e que “[...] se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral)” (POSSENTI, 1996, p. 46). Essa gramática normativa enfoca exclusivamente a língua padrão, ela exclui, portanto, todos os fatos que divergem dessa variante, frisando a ideia de erro.

O segundo tipo de gramática é defendido pela gramática descritiva, “conjunto de regras que são seguidas” que está muito mais ligada a uma aplicação prática, “[...] que orienta o trabalho dos linguistas, cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas” (POSSENTI, 1996, p. 47). A língua, nessa perspectiva, é trabalhada de uma forma mais completa e nenhum dado é desqualificado.

A última gramática se enquadra na dita internalizada, ou seja, é um

conjunto de regras que o falante domina, que são [...] os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua (POSSENTI, 1996, p. 50).

Travaglia (2003), outro estudioso da gramática, em suas frentes de pesquisa e aplicação prática defende o uso múltiplo das diversas concepções de gramática no contexto de sala de aula. Ele expõe a prática da gramática teórica no conceito, classificação, tipos e usos; a gramática em uso, na aplicação prática em construções de textos; a gramática normativa na identificação e justificativas de regras de uso para, por fim, trabalhar a gramática reflexiva nas práticas de sentido, levantamento, articulação e comparação de ideias.

O trabalho com as gramáticas e a articulação entre a teoria e a prática e o desenvolvimento cognitivo e cultural é um desafio para os professores e para a organização dos livros, planejamentos e estruturas escolares. A necessidade de uma mudança no ensino de gramática se faz cada vez mais recorrente, por uma nova perspectiva do ensino como um todo, na aplicação prática e no desenvolvimento integral dos estudantes, um ponto que deve ser trabalhado desde os currículos escolares até as estratégias de aplicação e avaliação, numa busca constante por um trabalho mais efetivo e realista.

2.1 A gramática e a sala de aula

Diante dos conceitos de gramáticas, faz-se necessário a adoção de uma perspectiva mais reflexiva e crítica quanto ao seu ensino e aplicação dentro das aulas de língua portuguesa, uma vez que, diante do senso comum, as aulas de língua materna são reduzidas apenas ao “ensinar” e “saber” gramática, regras e sua aplicação em atividades.

Acerca dessa redução, cabe elencar e destacar que a gramática é uma área diretamente ligada à linguagem, caracterizando-se por ser um aspecto da ciência linguística, sendo assim, o estudo da faculdade da linguagem não se baseia estritamente à perspectiva da gramática tradicional. Diante disso, tratando-se da compreensão científica, Possenti (1996) afirma que a gramática deve ser lembrada por ser uma aplicação linguística, uma ciência social que trata da formação e do fenômeno linguístico dos alunos e que se apresenta necessária na vida dos estudantes, assim como outras áreas do conhecimento (físico, químico, biológico, histórico ou astronômico)

O ensino de gramática é atuante desde os níveis iniciais e estende-se até o final do transcurso escolar dos estudantes. A normatização gramatical é requerida e ministrada durante as aulas de Língua Portuguesa, porém essa concepção de ensino é vista e compreendida como um sistema fechado e isolado, que não se relaciona com as aulas de produção textual e de leitura. Desse modo, essa metodologia torna a didática do docente apenas transmissiva e dedutiva, sendo os conteúdos gramaticais repassados e apenas transmitidos aos alunos de forma descontextualizada e que não estão ligados à prática social, que por sua vez, é imprescindível para a análise e compreensão de mundo e para habilidade interacional do discente.

É preocupante verificar que os professores contemplam a gramática, especialmente como atividade de exercitação da metalinguagem [...] consideram que ela seja uma disciplina normativa. Despreza-se quase totalmente a atividade de reflexão e operação sobre a linguagem, do que resulta uma organização dos trabalhos em compartimentos totalmente apartados: de um lado, redação e leitura com interpretação (estruturação/representações/comunicação de experiências, mais interpretação de experiências comunicadas), e de outro, gramática (conhecimento do quadro de entidades da língua, e, também, alguns conhecimentos do que se considera bom uso da língua) (NEVES, 2002, p.238).

Os conteúdos gramaticais, muitas vezes são apresentados de forma isolada, por exemplo, o trabalho com textos, resume-se apenas em análise de frases, palavras e fragmentos, sem levar em consideração o sentido e a constituição do gênero discursivo. Nesse conceito, desconsideram-se totalmente o funcionamento discursivo e interação verbal presentes nas esferas de atividades humanas. Como afirma Gonçalves (2013), “é necessário um ensino de gramática, que se integre verdadeiramente com o ensino de produção e compreensão de textos

e com o ensino de léxico/vocabulário e que é capaz de atuar para a vida das pessoas”.

Nas concepções metodológicas para o ensino de leitura e escrita nas escolas, é fato que a grande maioria toma como preceito que, para o aluno saber ler e escrever, é necessário, primeiramente, o domínio da gramática como ponto de partida. Esse ensino passa a ser o centro de aprendizagem, porém não considerando o desenvolvimento da competência linguística dos alunos. Sendo assim, a utilização da gramática e seu ensino é reduzido à ênfase da escola em oferecer inúmeros exercícios gramaticais que, por sua vez, desprendem de outros componentes como interpretação, criticidade, leitura e produção de texto que podem auxiliar para o real domínio linguístico de uma criança.

Diante do cenário analisado, é possível observar que o ensino de Língua Portuguesa se restringe ao ensino de regras gramaticais e estruturas. A ênfase dada e a ordem de ensino são meramente instituídas pelo vetor de se ensinar primeiramente gramática para o aluno depois dominar a leitura e a escrita. Porém, a realidade deveria ser constituída pelo preceito que revela e destaca o real objeto de estudo, a linguagem e suas diversas maneiras de comunicação e interação humana, ou seja, primeiramente deve-se ensinar o aluno a “ler e escrever”, para depois adentrar no ensino de gramática. Dessa maneira, “esperar do estudo da gramática que leve alguém a ler ou escrever melhor é como esperar do estudo da fisiologia que melhore a digestão das pessoas” (PERINI, 2010, p. 18).

Como foi mencionado, o ensino de gramática isolado, pautado apenas em estruturas e regras gramaticais e que se utiliza de palavras e textos desconexos, não é significativo, pois o processo ensino-aprendizagem deve estar fundamentado na interação social presente entre alunos e professores a fim de estabelecer um diálogo entre língua e gramática não desassociadas.

2 Livro didático: o uso real e prática idealista

Os livros didáticos são ferramentas de trabalho dos professores e das escolas nas práticas pedagógicas como um todo, eles possuem, de acordo com Andrade e Nunes (2017) a finalidade de apoiar, orientar, mediar essa prática. As autoras, apresentam em sua pesquisa sobre o livro didático, a perspectiva de Ferro (2008), na qual “[...] os livros didáticos de língua portuguesa assumem o papel de dirigir o ensino, desenvolvendo a capacidade de interpretação, de compreensão de diversos gêneros textuais e capacitando o aluno na produção textual” (FERRO apud ANDRADE; NUNES, 2017, p. 124).

O trabalho com o livro didático recebe diversas críticas de estudiosos do processo ensino-aprendizagem, principalmente pela aplicação real em sala de aula ser bem distante da idealização de uso como instrumento auxiliar. Costa e Suassuna (2010), citando Chappini (2005), afirmam que o livro didático recebe, muitas vezes, na aplicação real a noção de manual didático, que não leva, nem o professor e nem o aluno a uma reflexão sobre o que se ensina, ele apenas transmite, o professor apenas executa e o aluno apenas recebe, conforme Chappini expõe a teoria de Paulo Freire sobre educação bancária.

O material, embora alvo de críticas, é uma importante ferramenta na prática escolar dos gêneros textuais, na heterogeneidade de possibilidades de atuação e na ferramenta social de apoio à educação. Essas ideias são defendidas por dois autores, Bunzen (2005) na perspectiva da atuação com gêneros e no uso

O ENSINO DE MORFOLOGIA E A PRÁTICA POR MEIO DO PBL: um exemplo prático

efetivo como instrumento pedagógico e Savioli (apud COSTA; SUASSUNA, 2010, p. 64) na concepção do livro didático como o instrumento produzido com a finalidade específica de auxiliar a atividade docente “[...] elemento facilitador, já que coloca o conhecimento mais próximo dos alunos e dos professores [...]”.

O trabalho com o livro didático, mesmo sendo defendido como prática social de disseminação do conhecimento, exercício e suporte deste, precisa passar por constantes reflexões que variam desde a escolha até a aplicação prática, levando em consideração as perspectivas culturais e políticas, teóricas e metodológicas, o próprio conteúdo, a apresentação, os trabalhos propostos, a prática e a construção cognitiva dos conhecimentos, a maior parte defendidos pelo próprio PNLD (2020) no guia nacional do livro didático e visando também à noção do próprio professor como responsável primeiro pela sala de aula, na construção do conhecimento e na prática docente fundamentada em teoria, prática e desenvolvimento integral do estudante.

3 O uso das metodologias ativas no ensino de gramática

Como forma de estabelecer um fortalecimento da discussão sobre o ensino de gramática, como também a problematização dessa realidade e reflexão diante da prática docente, a análise do processo de ensino-aprendizagem derivado da autonomia e do papel ativo do estudante se baseia diretamente no conceito e contexto da metodologia ativa. Sendo assim, esse método pode ser compreendido, em sua totalidade, como um processo envolvendo a construção de planos de ensino que ofereçam uma aproximação crítica do estudante com a realidade aplicada. Os métodos são diversos e os professores têm a possibilidade de criar situações problemas que geram curiosidade e desafio; a concessão de recursos para pesquisas de problemas e soluções, uso da tecnologia, assim como o levantamento de hipóteses que podem ser soluções encontradas pelos alunos para as problemáticas. Além disso, o ensino deve abranger atividades que requeiram a capacidade dos discentes de analisar, sintetizar, deduzir ou generalizar.

Por metodologia ativa é possível compreender a totalidade do processo de estruturação da aprendizagem, por meio de estratégias didáticas que centralizam o aluno como protagonista de seu próprio conhecimento. Desse modo, observa-se que o método ativo contraria a exclusividade da ação intelectual do docente e permite reforçar a princípio de que o livro didático consiste em uma ferramenta facilitadora do processo ensino-aprendizagem, mas não essencial e fundamental para tais fins.

Para a elaboração de uma nova proposta pedagógica no ensino de gramática nas escolas, o conceito das metodologias ativas marca presença diante da necessidade de se repensar em uma reorganização de um ensino potencializado e engajado. Dessa maneira, frente aos estudos gramaticais que são feitos dentro das salas de aula, o professor que se utiliza de metodologias ativas tem instrumentos capazes de despertar a curiosidade dos estudantes e o sentimento de competência e pertencimento, inserindo-os na teoria e, ao mesmo tempo, valorizando a autonomia do aluno.

Diante dos estudos voltados para a problematização como estratégia de ensino/aprendizagem, tendo como objetivo alcançar e motivar o discente, a adoção de metodologias ativas para o ensino de gramática irá permitir que o aluno trace um percurso para examinar, refletir e produzir o conhecimento, possibilitando, assim, que este envolvimento ativo o faça protagonista de sua própria formação. Desse modo, o conceito expandido de Metodologias Ativas de aprendizagem é defendido por Bastos (2006) como processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema.

Partindo do pressuposto que revela a importância de o aluno ocupar o protagonismo do processo de aprendizagem, torna-se imprescindível uma reflexão fundamentada diante das aulas de análise linguística, o que são facilmente observadas as dificuldades quanto ao engajamento dos estudantes diante da gramática. O método ativo pode ser positivo para esse ensino, pois instiga a pesquisa, a reflexão e a tomada de decisões. Sendo assim, a gamificação é um dos instrumentos que podem colaborar para a execução de metodologias ativas, pois se conferem a esse processo atividades livres e “conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas, ao mesmo tempo, capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total” (HUIZINGA, 1996, p. 16).

Ao mesmo tempo que a tecnologia é apontada como um método ativo, o ensino por meio da descoberta proporciona aos alunos aulas de língua que trazem reflexões, a fim de suscitar o modo investigativo e questionador diante da língua que utilizam no cotidiano e em suas vivências. Assim, torna-se concreto o desenvolvimento da aprendizagem das principais estruturas e dos mecanismos essenciais da língua a partir da autonomia do estudante.

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se, de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam (FREIRE, 2000, p.25).

A partir da utilização dos métodos ativos de ensino-aprendizagem, o aluno encontrará alternativas dadas pelo professor que permitirão a percepção e a sistematização de ordens e regras de modo voluntário. Dessa forma, o estudo gramatical, partindo da sintaxe para outros elementos da gramática, centralizado, primeiramente, em textos e enunciados contextualizados, será o ponto de partida para a introdução de uma metodologia ativa praticada dentro da sala de aula. O aluno, percebendo seu protagonismo e papel ativo na resolução de desafios e obtenção de conhecimento, tornar-se-á incentivado e curioso para encontrar soluções assim que se defrontar com uma situação problemática.

4 A gramática no livro didático

O PNLD ou Programa Nacional do Livro Didático é, de acordo com a definição dada pelo MEC, uma ferramenta pública, destinada à avaliação e à disponibilização de obras didáticas, pedagógicas e literárias, materiais de apoio à

O ENSINO DE MORFOLOGIA E A PRÁTICA POR MEIO DO PBL: um exemplo prático

prática educativa, com uma distribuição de forma sistemática, regular e gratuita. Esse plano rege toda a adoção do livro didático nas escolas públicas do país e regulamenta esse processo desde o recebimento de exemplares candidatos das editoras e da disponibilização dos materiais e diretrizes de avaliação para os professores e responsáveis educacionais até o fornecimento em si dos materiais, uso e recolhimento.

A disponibilização das obras se dá, na maioria das vezes, de forma física e programada para uma “reutilização”, mas o material recebe um suporte online que apresenta o volume integralmente ou descrições editoriais e indicações de trabalho. Esse é o caso do livro em análise “Veredas da Palavra”, das autoras Roberta Hernandez e Vima Lia Martin, coleção completa da disciplina de Língua Portuguesa do Ensino Médio, que está disponível na versão manual do professor no PNLD 2018 no site E-Docente. O foco deste trabalho é no volume 2 desse material, escolhido por seu contexto de trabalho tanto no Currículo Paulista (2011) como no próprio livro das áreas da gramática e morfologia.

O livro possui, de acordo com o Guia do Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2020 boas referências estruturais e composicionais. O material textual é pode ser considerado rico, pois apresenta diversos gêneros de diferentes contextos, além da linguagem adequada para os estudantes e da própria articulação dos conhecimentos por meio de textos, na maior parte das vezes, integrais e que trazem a tradição da Língua Portuguesa. Os mesmos textos são a base para discussões dos mais variados temas, desde o trabalho literário até o gramático e apresentam uma interlocução contextualizada, e abrindo portas para a prática leitora de diferentes gêneros. A produção de textos escritos se dá de forma também contextualizada, embora em menor escala e em um tipo mais superficial de respostas a exercícios. Há, no entanto, capítulos específicos para o trabalho com produção de textos, práticos e pertinentes a uma aplicação real e posicionamento político e cultural dos estudantes. O critério de avaliação do trabalho com a oralidade se dá na leitura e na produção de discussões, exigindo um trabalho do professor no tópico que objetiva relacionar a prática oral com a língua. Por fim, o critério de trabalho com os conhecimentos cognitivos se apresenta também de forma positiva por meio de articulações de definição e prática em textos e contexto social e na reflexão dos conceitos abordados.

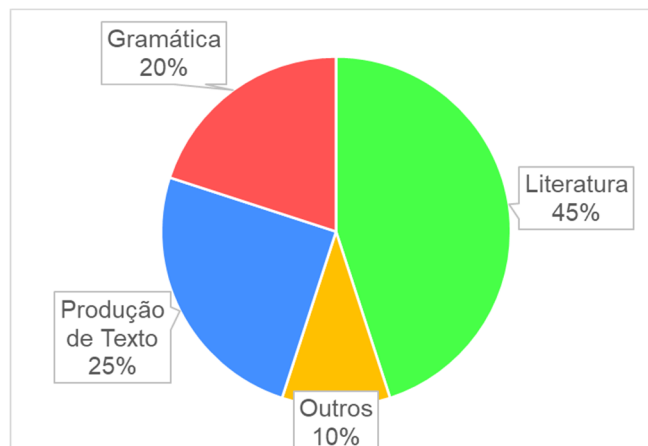
A partir de uma análise do geral para o específico, o livro apresenta uma abordagem maior para os temas da literatura com 45% do total, 25% para os temas relacionados à produção de textos e 20% para a gramática fundamentada no tópico da morfologia e, por fim, 10% do livro, referente a 2 capítulos tratam de temas mais gerais, da contextualização histórica da língua e da literatura.

Tabela 1 - “Veredas da Palavra”: temas abordados por capítulo

"Veredas da palavra"	
Capítulo	Temas abordados
1	Literatura: Trovadorismo e humanismo
2	Literatura: Renascimento
3	História: origem e desenvolvimento da língua
4	Produção de texto: relatório de pesquisa
5	História: Brasil colônia
6	Literatura: quinhentismo
7	Gramática: classes de palavras
8	Produção de texto: debate
9	Literatura: Barroco
10	Literatura: Arcadismo
11	Gramática: verbo
12	Produção de texto: notícia
13	Literatura: Romantismo
14	Literatura: Romantismo
15	Gramática: pronomes
16	Produção de texto: reportagem
17	Literatura: Realismo e Naturalismo
18	Literatura: Realismo e Naturalismo
19	Gramática: conetivos
20	Produção de texto: resenha

Fonte: elaborado pelas autoras.

Gráfico 1 - "Veredas da palavra": composição do livro por temática



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os capítulos destinados ao estudo da gramática, apresentam o foco no tópico de morfologia e não trabalham de forma direta com a sintaxe e a fonologia, embora os estudos morfológicos contribuam para a constituição de uma base para a compreensão da sintaxe, uma vez que analisa o posicionamento das palavras dentro de um contexto semântico na sentença, relacionado com os demais elementos da frase.

Esses mesmos capítulos apresentam a gramática de forma contextualizada, embasados em textos do cotidiano, na maior parte o gênero

O ENSINO DE MORFOLOGIA E A PRÁTICA POR MEIO DO PBL: um exemplo prático

tirinhas, produzidas por diferentes autores, em seguida, é feita uma reflexão “para começar” para, só depois, tratar da teoria e das atividades relacionadas ao tema.

Como já mencionado, o trabalho com a morfologia se dá de forma contextualizada nos textos e a apresentação da teoria é feita tanto por meio de uma definição semântica como morfológica, deixando de lado o critério sintático. Os exemplos para demonstração da classificação morfológica são gêneros do discurso mais atuais e de esferas de atividades diversas do âmbito literário, como é comum nas gramáticas normativas. Nos exercícios, enfatiza-se o trabalho a produção de sentido do texto e algumas instruções de reescrita, substituição e produção de texto.

5 Capítulo 7: uma abordagem das classes de palavras

Como elemento de análise detalhada deste trabalho, torna-se pertinente a utilização do capítulo 7, pois ele aborda a morfologia por meio da apresentação das classes de palavras, com uma introdução para conceitualizar, de modo geral, o que são e qual a importância de organizar as palavras por meio das funções e das características que possuem. Dessa maneira, o material didático inclui recursos visuais e não visuais para a categorização das dez classes de palavras, de acordo com a gramática normativa.

Após a exposição do conceito das classes de palavras e do objetivo de seu estudo, o material didático inicia o processo da categorização, apresentando cada classe, sua principal função e uma contextualização por meio de textos em que a palavra e sua classificação estão presentes. A exemplo disso, os substantivos, no seu respectivo tópico, presente na página 111, são contextualizados a partir da apresentação do recorte da canção “Criança não trabalha” (1998), dos compositores Arnaldo Antunes e Paulo Tatit, em que palavras representam elementos presentes no cotidiano de crianças como *skate*, *lápiz*, *caderno*, *chiclete*, *bicicleta* etc.

Os recursos utilizados em cada categorização feita pelo material didático são compostos por uma diversidade de gêneros textuais que se aproximam do aluno de modo prático e concreto ao observar as palavras destacadas, juntamente com definição de sua classe gramatical. Canções, propagandas, poemas, tirinhas, notícias, capa de revista e quadrinhos são exemplos que compõem a variedade de textos encontrados no material e que possuem a função de demonstrar para o aluno o conteúdo trabalhado no capítulo.

Em seguida, diante da apresentação teórica do conteúdo gramatical das classes de palavras, dos critérios morfológico e semântico e dos exemplos retirados de textos, há uma seção, dentro do próprio capítulo, de atividades relacionadas ao uso e classificação das palavras. As atividades são constituídas por exercícios variados como sequências de questões dissertativas, com predomínio das respostas e a solicitação da própria opinião do aluno. O trabalho com textos nessa parte do livro didático não envolve somente a categorização das palavras, mas também a interpretação e reflexão. Como apresentado no exercício 2.

Figura 1 - Texto e enunciado atividade 2.

2. A seguir, foram reproduzidas as estrofes iniciais de uma canção intitulada “Gramática”. Leia o texto para responder às questões propostas.

Gramática

O substantivo

É o substituto

Do conteúdo

O adjetivo

É a nossa impressão

Sobre quase tudo

O diminutivo

É o que aperta o mundo

E deixa miúdo

O imperativo

É o que aperta os outros

E deixa mudo

PERES, Sandra; TATIT, Luis. Gramática. In: PALAVRA CANTADA. *Canções curiosas*. São Paulo: BMG, 1998. 1 CD. Faixa 12.

Fonte: Alves; Martins, 2021, online.

Figura 2 - Questões da atividade 2.

- a) Em sua opinião, o texto tem a intenção de fazer uma descrição objetiva dos fatos gramaticais? Justifique sua resposta.
- b) Explique de que modo o texto define substantivo.
- c) Por que o texto afirma que o adjetivo “é a nossa impressão sobre quase tudo”?
- d) Assinale a frase em que o sentido obtido pelo uso do diminutivo se aproxima da definição presente no texto:
 - I. Você pode me fazer um favorzinho?
 - II. Há um forte preconceito no uso de termos como “mulherzinha”.
 - III. Para mexer, use uma colherzinha.
- e) Considerando que os verbos usados no modo imperativo expressam ordens, conselhos e súplicas, interprete a seguinte afirmação: “O imperativo é o que aperta os outros e deixa mudo”.

Fonte: Alves; Martins, 2021, online.

Além disso, faz-se necessário destacar outros momentos da seção de atividades, na qual são propostas questões objetivas que fizeram parte da prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem, e que estão focadas nos conteúdos de interpretação por meio da habilidade do aluno de reconhecer as classes de palavras inseridas nos textos apresentados. Dessa forma, observa-se que há um repertório de 11 atividades relacionadas ao conteúdo temático do capítulo 7 que o professor, de maneira articulada com a realidade e a prática, pode realizar discussões, reflexões e, ao mesmo tempo, apresentar as classes de palavras.

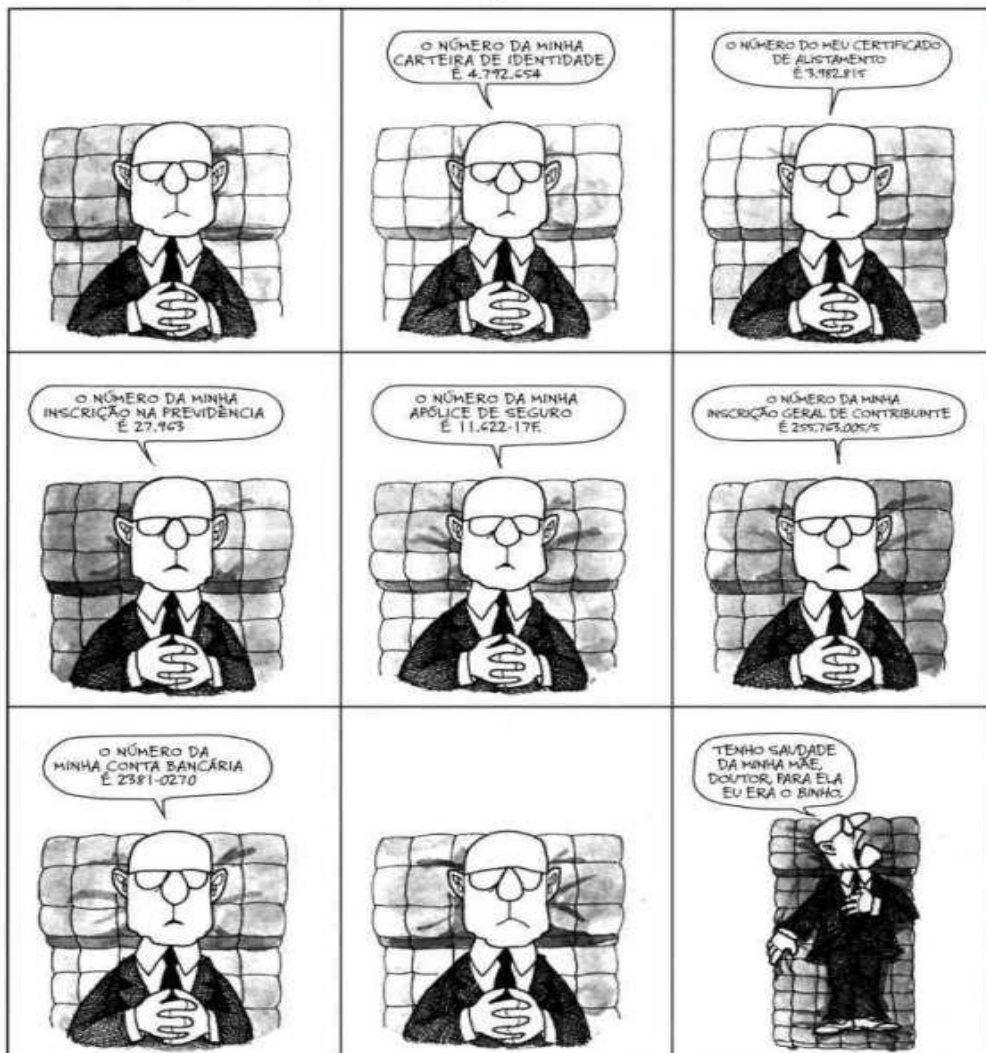
Em relação à análise da esfera gramatical observada no sétimo capítulo do material, é possível observar o foco nos conteúdos morfológicos, mas que, diante da aplicação, transmite também uma base para o contexto da sintaxe, de modo que proporciona aos alunos análises da posição de certas palavras na sentença por meio de variados gêneros textuais.

6.1 A gramática na prática do livro didático: uma análise de exercício

A partir da análise específica do capítulo 7, o exercício 6 foi destacado pela atividade formativa da PCC de morfologia na intenção de aprofundar a discussão e análise da forma como é trabalhado o conteúdo das classes de palavras no livro. Sendo assim, destacam-se na atividade questões ligadas à tirinha produzida pelo cartunista argentino Quino, conhecido pela maioria dos estudantes como o criador da personagem Mafalda, como podemos verificar a seguir:

Figura 3 - Tirinha da atividade sobre numerais

6. Leia com atenção a tira reproduzida a seguir.



QUINO. Bem, obrigado. E você? São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 73.

Fonte: Alves; Martins, 2021, online.

Figura 4 - Questões da atividade 6.

- a) Onde se encontra o personagem? Justifique sua resposta.
- b) De modo geral, para que servem os números referidos pelo personagem?
- c) Na última cena, por que o personagem diz ter saudade da sua mãe?
- d) No contexto da tira, o sentido mais relevante dos números está ligado à indicação de quantidade ou à nomeação ou designação do ser (no caso, o personagem)?
- e) A tira critica um aspecto do modo de vida contemporâneo. Que aspecto é esse?

Fonte: ALVES; MARTINS, 2021, online.

Como se pode observar, a tirinha consiste em um personagem que se encontra no consultório de um psicanalista e inicia uma conversa falando sobre todos os números de seus documentos pessoais, e, pela quantidade de informações, o paciente se encontra em uma situação de que todas essas informações se afastam de sua função original (quantificação) e passam a função de sujeito, ou seja, substituem seu próprio nome “Binho”. Dessa forma, ocorre sua despersonalização, pois o personagem, ao ser identificado apenas por números, sente-se confuso e perdido no meio de uma massa indistinta de pessoas, evidenciando, assim, uma reflexão psicanalítica.

De modo geral, a atividade realiza um aprofundamento no conteúdo do texto lido e analisado com questões de interpretação e reflexão, pois, posteriormente, o contexto da tira junto à morfologia será comentado e observado pelos alunos, visto que o humor da tirinha se relaciona diretamente com a questão dos substantivos e numerais. Dessa forma, é possível destacar uma leitura imagética por meio de elementos como o cenário, personagem, expressões faciais e cores (preto e branco) dispostas em cada momento da tirinha.

Com a leitura atenta, as questões que compõem a atividade exploram o senso crítico do aluno de modo que o professor tem a possibilidade de discutir o aspecto do modo de vida contemporâneo, no qual as pessoas estão sendo reduzidas e designadas por números. Dessa maneira, o exercício não possui, explicitamente, um foco na esfera morfológica, sendo necessária a intervenção por parte do professor de iniciar a discussão voltada para o conteúdo gramatical dos substantivos e numerais, a fim de ligar esses conceitos e diferenças das classes de palavras com a reflexão advinda da análise da tirinha.

6 Uma proposta de expansão da atividade por meio do PBL

A atividade 6, do capítulo 7 traz, além de uma proposta de estudo sobre os numerais, uma crítica e uma reflexão contextualizada, pois abre margem para aprofundamento e reflexão sobre essa classe de palavras no uso prático, além de outros pontos como o trabalho com a revisão sobre o gênero tirinha, uma discussão sobre as linguagens verbal e não verbal e uma discussão sobre as temáticas abordadas por Quino nas suas tirinhas.

A expansão na própria atividade pode se dar a partir de: a) uma revisão sobre o gênero tirinha já posta na primeira pergunta, que pode ser feita de forma oral e dialogada, trabalhando inclusive a interpretação verbal e não verbal e sua

O ENSINO DE MORFOLOGIA E A PRÁTICA POR MEIO DO PBL: um exemplo prático

construção de sentido, a evolução do “afundar” do personagem na cama e a mudança da linguagem corporal no último quadrinho além dos balões de fala se direcionando para outro personagem, mas que não aparece na tirinha; b) uma contextualização na realidade, trabalhada nas questões “d” e “e”, pode dar-se em uma reflexão mais abrangente sobre o uso dos numerais, como esse uso afeta as pessoas e como fica a concepção do “eu”, qual a necessidade da quantidade de expressões e a designação do ser e c) um trabalho maior com o tópico dos numerais, como eles exercem as funções de substantivos no cotidiano, o tipo de numeral usado nessas expressões do cotidiano e o restante das expressões, o pronome possessivo “meu” e “minha” e as conjugações dos verbos “ser” e “ter” no presente do indicativo.

O uso do livro didático precisa ser um apoio da aula do professor (ANDRADE; NUNES, 2007). Assim, é possível propor a partir da Metodologia Ativa PBL (*Problem Based Learning*) que tem sua aplicação como introdução do tema, no momento inicial da abordagem e que vai trabalhar o protagonismo nos estudantes na busca do conhecimento.

O PBL pode ser aplicado em uma turma do 2º ano do ensino médio, os grupos devem ter no máximo 20 alunos, para um trabalho do processo de pesquisa, da autonomia e protagonismo. O objetivo geral dessa aula é reconhecer morfologicamente os numerais, já os objetivos específicos são: a) classificar os numerais semanticamente, morfologicamente e sintaticamente; b) diferenciar os numerais dos artigos indefinidos; c) reconhecer e contextualizar as diferentes funções dos numerais; d) compreender como funciona a substantivação e a adjetivação dos numerais e e) contextualizar com elementos práticos.

Tabela 2: plano de aula para PBL

Conteúdo	Metodologia	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> . Morfologia: <li style="padding-left: 20px;">Classes de palavras; . Numerais. 	<ul style="list-style-type: none"> . Metodologia Ativa; . Trabalho em semicírculo para leitura do Problema, discussão do tema através da técnica de Brainstorming ou Tempestade de Palavras e levantamento de perguntas; . Definição dos objetivos de pesquisa juntamente com os alunos, direcionada pelo “Tutor” (professor) nas perguntas; . Estudo do tema pelos alunos em casa, direcionados e retorno para o fechamento em grupo em outra aula já agendada pelo professor; . Proposta de estudo do livro didático e atividades de exercício dos conceitos e aplicação prática. 	<ul style="list-style-type: none"> . Participação ativa na discussão do tema, identificando, explorando e buscando dados, formulando hipóteses e participando no grupo como um todo; . Participação no fechamento e resolução do problema demonstrando estudo, exposição clara dos dados e construção coletiva do conhecimento; . Atividades do livro didático.

Fonte: elaborada pelas autoras

A partir do plano de aula fundamentado no PBL é possível propor uma atividade completa do trabalho com os numerais. Por exemplo, por meio do PBL,

inicia-se a abordagem dos numerais para proporcionar o projeto de pesquisa, esse processo é fundamentado nos objetivos de aprendizagem que são construídos juntamente com os alunos no questionamento sobre os usos no PBL, quais os tipos de numerais foram encontrados, qual a diferença entre artigo e numerais, como funciona a substantivação dos numerais e a própria necessidade e análise do conhecimento prático no contexto da “feira”. Os objetivos, dessa forma, vão ao encontro com os objetivos pré-preparados pelo professor. A pesquisa trará os resultados protagonizados pelos estudantes que recebem a mediação do professor para chegar aos objetivos esperados. Por fim, o trabalho pode chegar ao livro didático, como ferramenta dentro da sala de aula, pois as atividades, além de trabalharem a questão discursiva, fixa conceitos e exercita a morfologia e seus conceitos em atividades já detalhadas, de temas práticos.

7 Considerações finais

A análise do livro didático e de como ele trabalha com a temática da gramática e da morfologia apresentou resultados coerentes com as teorias levantadas, como: o uso do livro como elemento complementar e de apoio, a necessidade do trabalho do professor antes do uso do material didático e as atividades de complementação que devem seguir o trabalho. Resultados que exigem um investimento do docente na fundamentação da aula para atingir não só os objetivos de aprendizagem visando à boa leitura e escrita, mas todo um processo de desenvolvimento prático, cultural e cognitivo, baseado em diferentes perspectivas de gramática, como normativa, reflexiva e internalizada.

É importante ressaltar que as atividades com diferentes gêneros textuais e a compreensão dos recursos linguísticos na constituição de sentidos contribuem para que o aluno entenda a gramática não somente como prescrição de regras, mas sim como conteúdo que auxilia na leitura e produção textual. Também se observa a apresentação de gêneros que circulam em nosso cotidiano, além dos literários, enriquecendo, dessa maneira, a reflexão sobre a língua e seus usos.

A partir deste trabalho é possível compreender como os elementos e estratégias didáticas utilizadas em sala de aula auxiliam na formação integral dos estudantes, quando analisado em um contexto multimodal e dinâmico, no qual o professor atua como estruturador do processo e mediador das ferramentas educacionais na sequência das metodologias ativas, da fundamentação teórica e do fechamento com o livro didático.

Dessa forma, o uso da Metodologia Ativa, PBL proporciona um trabalho prático da gramática que, assim como defendido por Possenti (1996), possibilita o trabalho normativo, reflexivo no uso prático e internalizado na distinção dos termos substantivados, artigos e numerais em si, uma articulação que leva ao livro didático, como um elemento complementar do trabalho do professor.

O trabalho com os numerais pode ser usado como um exemplo das possibilidades que as metodologias ativas oferecem, como esse trabalho pode ser aplicado nos estudos sobre morfologia e qual o papel tanto do professor como do livro didático em sala de aula. Uma prática que deve ser formulada e objetivada pelo docente de acordo com o perfil da turma, o currículo vigente e as necessidades educacionais e que pode expandir as habilidades e as competências na formação integral dos estudantes.

Referências

ALVES, Roberta Hernandez; MARTIN, Vima Lia. *Veredas da palavra II*. São Paulo: Ática, 2016. Disponível em: https://saber.com.br/obras/Aplicacoes/Edocente/plugins/pdfjs-2.6.347-dist/web/viewer.html?file=https://saber.com.br/obras/PNLD/PNLD_2018/VeredasPalavra/VeredasPalavra_2_MP_0112P18013_PNLD2018.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

ANDRADE, Jennifer Oliveira; NUNES, Mariane Cao. A gramática e sua contextualização nos livros didáticos. In: *Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino*, 1, 2017. Timóteo. Atas da LiTE. Timóteo: CEFET-MG, 2017, p. 124-135. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em 18 out. 2021.

BASTOS, C. C. Metodologias ativas. Disponível em: <http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>. Acesso em: 01 out. 2021.

BUNZEN, Clécio. Construção de um objeto de investigação complexo: o livro didático de língua portuguesa. *Estudos Linguísticos XXXIV*, Campinas, p. 557-562, 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=9JQ188AAAAAJ&citation_for_view=9JQ188AAAAAJ:hqOjcs7Dif8C. Acesso em: 24 out. 2021.

COSTA, Amanda Silva Falcão da; SUASSUNA, Lívia. Livro didático de literatura no ensino médio e texto literário. *Interdisciplinar*, Pernambuco, v. 12, p. 63-75, dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1207>. Acesso em: 20 out. 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONÇALVES, Paulo César. Uma proposta para o ensino de gramática no Ensino Médio. *Horizontes-Revista de Educação*, v.1, n.1, p. 101-118, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/download/1833/1439>. Acesso em: 3 out. 2021.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4184246/mod_resource/content/0/homo_ludens_huizinga.pdf. Acesso em: 01 out. 2021.

MEC. Guia Digital PNLD 2021: Projetos Integradores e Projeto de Vida. Universidade Federal de Alagoas. Alagoas: 2021. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2021_proj_int_vida/inicio. Acesso em: 20 out. 2021.



KUJAVO, J.F.F.; ALVARENGA, M.M.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria, análise e ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo. 2. ed. São Paulo: SE, 2011. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.